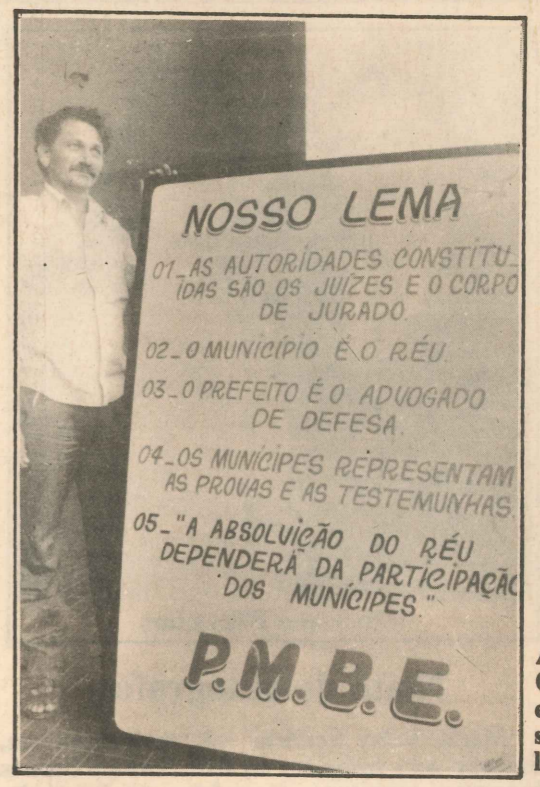


A107895

Em entrevista ontem para A TRIBUNA, Amaro Covre, prefeito de Boa Esperança, falou sobre o trabalho que implantou no Município, com a participação popular. Pode-se considerar, inclusive, uma das poucas experiências, neste sentido, no país. Entretanto, os especialistas no assunto começam a discutir este trabalho, afirmando que o próprio prefeito desconhece a extensão do que está fazendo em Boa Esperança. Herbet Souza, da FAO, esteve visitando o Município e conta o que achou do trabalho de Amaro Covre.



Na rodoviária da cidade, um aviso aos que chegam



Amaro Covre e seu lema

Em Boa Esperança, a comunidade está no poder

De repente, o pequenino município de Boa Esperança virou a meca dos especialistas sociais interessados em medir a sua vitoriosa experiência comunitária, que lhe proporcionou vertiginosa ascensão social e econômica — a ponto de sair, em menos de três anos, da incômoda lanterna do ICM do Estado para o invejável 22º lugar.

Nesse pequeno espaço de tempo, criou, também, uma riqueza que se estendeu aos seus 14 mil habitantes, onde grande parte de meeiros se transformaram em proprietários rurais. E tal riqueza acabou, ainda, sendo

responsável pela erradicação da mendicância, pelo fim das migrações, da marginalidade e da miséria.

E qual teria sido o segredo dessa experiência? Essa resposta é dada nessa entrevista pelo sociólogo Herbet Souza, da FAO, que, na semana passada, esteve em Boa Esperança, completando um trabalho sobre movimentos comunitários que realizam na América Latina, mas que entre as experiências que viu na Venezuela, Colômbia, Peru e México, essa, de Boa Esperança, foi a melhor de todas, porque, no seu entender, ela representa a comunidade no poder.

AT — Antes de entrar nas questões, gostaria que você falasse do seu contato com o povo de Boa Esperança.

Herbet — Fiz várias entrevistas, percorri também fazendas, vilas, distritos. Dando sempre maior atenção ao relato de meeiros e proprietários rurais. O que mais encontrei foi meeiro que virou pequeno proprietário rural. Fiquei procurando os assalariados, mas esses só existem em pequenas escalas. No fundo, eu vi, que além do meeiro que se transforma em pequeno proprietário, os grandes proprietários estão começando a fazer duas coisas: diversificar a produção e chegando a um acordo com os meeiros no sentido de que os meeiros possam se transformar, sem nenhuma resistência, em pequenos proprietários.

AT — Quer dizer que vai haver acomodação de classe?

Herbet — Estamos numa área que está destinada a chegar a um patamar amplo de pequenos proprietários prósperos, que fazem com um alqueire de café Cr\$ 300 mil por ano. Que não fica só nisso, porque existem também outras culturas permanentes. Há, portanto, uma base econômica para o seu desenvolvimento. Diante do que vi, tenho convicção que dentro de mais cinco ou seis anos a pequena propriedade ali vai ficar entre cinco e sete alqueires.

AT — Como deve se redistribuir a terra?

Herbet — Ela regride, de princípio, para redistribuir, e depois ela cresce. Foi assim que eu vi um pouco a sua base econômica. Eu me perguntava como pode haver tanta harmonia entre categorias tão diferentes, porque, de um modo geral, o meeiro está quase sempre em conflito com o proprietário. O minifundista está sempre em litígio com o grande proprietário. Essa é a regra geral que está por aí. Como elas coexistem em Boa Esperança?

AT — Como é?

Herbet — Aí eu acho que entrou a forma de organização comunitária como fator principal. Assim, eles pegaram a região e transformaram em três centros de irradiação. Agruparam as comunidades. Cada centro de irradiação passou, no fundo, a ser uma espécie de unidade administrativa e política altamente democrática. Criou uma estrutura de poder político não estatal, mas que é poder político paralelo à institucionalidade estatal, que são a Câmara Municipal e a Prefeitura. Esses, perderam a voz ativa, mas se

momento, não expressa o verdadeiro conteúdo da sua própria prática, já que ele como prefeito está tendo realmente uma prática democrática. Ele não está percebendo, também, que a democracia social leva ao desenvolvimento. E nesse sentido, Boa Esperança é um laboratório que prova exatamente isso, porque esse sistema tirou um município da miséria para o desenvolvimento. E não se trata de um desenvolvimento a nível comum. Desenvolveu a saúde, a educação, a qualidade de vida e o nível de participação. E mais uma série de coisas por onde se prova que a democracia rende dividendos dentro do ponto de vista econômico. Embora o prefeito tenha se inserido no processo, ele ainda não capitou a sua ideologia, pois continua no nível de imagem da família, porque para ele a comunidade continua sendo um conjunto de famílias. Mas Boa Esperança é uma experiência da democracia social de poder. Aí é que reside a sua força.

AT — Onde está o cerne do poder?

Herbet — No Conselho de Desenvolvimento, verdadeira assembleia popular, onde estão as decisões finais de todas as iniciativas das comunidades. O conselho é composto de todos os líderes das comunidades e dele ainda participam o prefeito, o presidente da Câmara, gerentes de bancos, delegado de polícia, médicos, técnicos de entidades e pastores das diversas igrejas. Como as autoridades são minoritárias, elas estão, naturalmente, subjugadas às decisões das comunidades. A verdade é que o sistema atrai e subordina a estrutura estatal à comunitária.

AT — Como você vê essa assembleia?

Herbet — Repare que ali as autoridades não são autoridades, mas simplesmente participantes. E essa assembleia é um cenário verdadeiramente democrático, a partir da percepção de que essas autoridades estão ali sendo questionadas. Para mim, o mais interessante é que representa uma experiência localizada de democracia direta, pois a comunidade que toma uma decisão, através de seu líder, é a mesma que decide as coisas que vão ser feitas. Quem controla, também. Essa nova estrutura de poder é realmente uma experiência de democracia direta.

AT — E como você vê o discurso do prefeito Amaro Covre sobre essa experiência?

Herbet — O discurso dele é uma camisa menor do que o corpo. Está realmente curto para o sentido maior da experiência. Ele fez até um texto que fala de iniciativa privada, quando a iniciativa é iniciativa comunitária, pois é o que existe lá através da liberdade de organizar fora do controle autoritário do Estado. E é isso que ele está chamando de iniciativa privada. Portanto, o seu discurso, no

momento, não expressa o verdadeiro conteúdo da sua própria prática, já que ele como prefeito está tendo realmente uma prática democrática. Ele não está percebendo, também, que a democracia social leva ao desenvolvimento. E nesse sentido, Boa Esperança é um laboratório que prova exatamente isso, porque esse sistema tirou um município da miséria para o desenvolvimento. E não se trata de um desenvolvimento a nível comum. Desenvolveu a saúde, a educação, a qualidade de vida e o nível de participação. E mais uma série de coisas por onde se prova que a democracia rende dividendos dentro do ponto de vista econômico. Embora o prefeito tenha se inserido no processo, ele ainda não capitou a sua ideologia, pois continua no nível de imagem da família, porque para ele a comunidade continua sendo um conjunto de famílias. Mas Boa Esperança é uma experiência da democracia social de poder. Aí é que reside a sua força.

AT — O que você sentiu nas pessoas que contactou?

Herbet — A certeza de que os problemas são colocados, encaminhados e resolvidos. Onde eles têm voz, têm participação, onde eles adquiriram, por isso, uma nova condição de vida. E tem a prova material porque vem crescendo de alqueires. A conquista da propriedade é o segredo do sistema, porque no contexto de Boa Esperança, um simples alqueire de terra representa Cr\$ 300 mil anualmente. Mas isso é o subestimado, porque existem também outras fontes de receita.

AT — O que você acha da rapidez do resultado?

Herbet — Apenas três anos... fantástico, embora estejam calculando um universo apenas para 14 mil habitantes, relativamente baixo. Mas, em contrapartida veja que eles saíram de um patamar muito baixo. Sairam de uma situação de desarticulação total. Tentei ver o nível de participação comunitária. Você tem 250 líderes rurais que atingem por comunidade até 50 pessoas, dando um nível de participação da ordem de sete a oito mil pessoas. E é nesse cenário que Amaro Covre faz crescer diariamente o nível de participação, por ser ele um incrível animador de comunidade, dando a mim a impressão que ele é meramente um ator local.

AT — Que outras coisas percebeu?

Herbet — Outra coisa diabólica que foi feita lá é o esquema simbólico de integração de diferen-

tes papéis. O líder está educado porque ele tem uma carteirinha. Deve ser, inclusive, a primeira carteira de alguma coisa que esse cara deve ter ganho na vida. Os caras que se destacam em diferentes atividades recebem um diploma. Eles fazem gincanas esportivas e econômicas. Além disso, há intensa prática de esportes, com competições entre comunidades e centros irradiadores. Então a gente percebe que a atividade econômica, política, cultural e de lazer fazem uma totalidade. Eu realmente fiquei impressionado, me perguntando por que isso aqui deu certo? Porque além do problema importante que é a forma de organização, existem outras coisas fundamentais.

AT — Quais?

Herbet — O fato é que houve um trabalho do Amaro Covre, e de outros da criação de uma consciência comunitária, que pôde organizá-la. E foi esse investimento na criação da consciência que se transformou numa força material e econômica. A criação dessa energia, consciência, a partir desse movimento criou um potencial que se materializou em atividade econômica. E por essa participação, incorpora em cada um o produtor, o político e o ator social, pois ele é um elemento solidário, que pratica, também o diálogo e a concessão de abrir espaços para os outros, porque ele sabe que está se beneficiando. É isto finalmente, que dá uma mistura que explica a diferença desse município para o resto.

AT — E como experiência de desenvolvimento agrícola?

Herbet — É realmente incrível. Mas se a pessoa pegar só uma dimensão do caso ela não terá apreendido o sistema na sua totalidade. Inclusive eu acho que o grande sucesso dessa história foi o Governo não ter caído com recursos em cima, pois se você jogar Cr\$ 200 milhões para a lavoura e não transformar isso numa experiência comunitária ela morre. Esse sistema, portanto, nasceu da experiência, do sacrifício e da solidariedade. Sobretudo, esse tópico. E isso vira capital dentro da cabeça. Face a essas contingências, acho que o Governo poderia ajudar somente nos pontos estratégicos. Se entrar lá de qualquer jeito, acaba atrapalhando.

AT — E politicamente?

Herbet — Tenho impressão que misturou tudo. Ninguém sabe mais quem é Governo ou Oposição. Porém, o prefeito, defende que cada um deva entrar no partido que melhor fale de seus interesses.

No fundo, ele deseja um partido do assalariado, do meeiro e do proprietário rural. Quanto ao prefeito, ele prefere o partido do Governo para não prejudicar o seu Município, embora se identifique melhor com o PP.

AT — Como você vê o êxito do sistema dentro da precariedade de redistribuição de receita dos municípios?

Herbet — Em Boa Esperança a comunidade fez um poder paralelo. Ela se acoplou ao poder de Estado ao nível municipal. E potencializou tudo que uma estrutura municipal é capaz, embora os municípios hoje não fiquem, sequer com 10 ou 15 por cento dos tributos que geram. E essa é outra grande tese, de que é possível o municipalismo mesmo numa estrutura altamente vertical. É possível exatamente porque não tinha recursos, sendo obrigado a buscar outro tipo de recurso: o recurso comunitário, pois foi ele quem potencializou tudo. Agora você imagina se ao invés de 10 ou 15 por cento o Município ficasse com 50 do que arrecada. Com essa capacidade financeira, ele faria milagres. Poderia asfaltar todas as suas estradas.

AT — E o programa agrário dele?

Herbet — Está destinado a se transformar numa política agrária do tipo capitalista, mas que só dará certo, entretanto, numa estrutura socializada — comunitária. Esse programa elimina, sobretudo, a guerra entre classes, justamente porque dá um patamar de colaboração que faz com que haja uma ascensão de um certo nível para cima. Especialmente do meeiro e ainda, com conseqüências positivas para o assalariado rural, que se não for contemplado com um bom salário acaba pegando meia. E a meia é um passo da propriedade. E na verdade, nesse contexto, ou nessa estrutura, o assalariado é o meeiro. Só que ele não é diarista. Ele presta serviço a outro e recebe na venda. No fundo, o meeiro acaba sendo o diarista, o mensalista e o capataz de si mesmo, capacitando-se em Boa Esperança para se tornar proprietário dos bens de produção. É o que essa nova estrutura agrícola do Município permite.

AT — Isso contraria a tese de que os minifúndios são improdutivos?

Herbet — Só que no caso de Boa Esperança acontece o seguinte: a lavoura permanente, como é o caso do café, da pimenta e do cacau, não é antieconômica nem para o lavrador e muito menos para o

Município. Tem um rendimento muito grande e dispensa investimentos e financiamentos. Notadamente, porque lá a maquinaria está socializada. E essas culturas reunidas dão um pé de acumulação muito grande. Imagina que só num alqueire de café ele obtém Cr\$ 300 mil por ano. Ninguém pode chamar isso de atividade antieconômica. O diabo é quando você tem um minifúndio ao lado do latifúndio, onde o latifúndio só produz 10 por cento de sua capacidade e o minifúndio não produz sequer para a sobrevivência do seu dono, plantando milho ou outra qualquer lavoura temporária que lhe arrebeta. Nas culturas permanentes, encontram-se a chave da pequena propriedade, levando-se em consideração, por exemplo, que o café é divisível como o ouro: se você vende um milhão de sacas ou uma saca o preço é o mesmo.

AT — E a indústria caseira que torna a mulher produtiva dentro desse sistema?

Herbet — É a criação da capacitação antes que cheguem os problemas. Você está criando condições que toda a força de trabalho possa ser absorvida. Os meninos estão fazendo farinha, compatibilizando, inclusive, seus estudos com outra atividade produtiva. Já a mulher faz carne de sol, carne defumada, cestos, balaios etc. Isso pode servir para atenuar uma corrida ao Município, cercado que está por municípios absolutamente miseráveis. E uma corrente migratória no seu sentido pode criar um bolsão de miséria, embora, no momento, suas fronteiras agrícolas se encontrem praticamente fechadas.

AT — O que lhe surpreende nesse sistema?

Herbet — A figura de Amaro Covre, um médio proprietário para a região mas que seria um pequeno em qualquer outro lugar do país, por encarnar a figura do pequeno proprietário solidário. Ele acha que todo mundo deve produzir, que todo mundo tem que lutar, que tudo que faz é justo receber o seu e que todo mundo deve se ajudar. Aí você entra, inclusive, naquela figuração da família que ele usa para explicar equivocadamente o sistema comunitário de Boa Esperança. Porém, a realidade desse sistema é outra riquíssima. É um sistema que corta a tradição competitiva, individualista do proprietário que se tranca e acha que pode vencer sozinho.